

Os Quatro da Candelária: O audiovisual como recurso de construção da memória de corpos negros¹

Beatriz Santos dos Passos²
Universidade Federal de Mato Grosso

RESUMO

O presente trabalho propõe a investigação de como a minissérie Os Quatro da Candelária, exibida pela Netflix, pode ser reconhecida como um recurso de construção de memória negra por meio dos elementos narrativos do audiovisual. A metodologia aplicada é a análise de conteúdo, com implicações dos conceitos de memória e do debate sobre relações raciais. As considerações alcançadas apontam uma narrativa comprometida com a memória negra.

PALAVRAS-CHAVE

Memória; Racismo; Audiovisual; Corpos Negros

INTRODUÇÃO

Há cerca de 30 anos, na madrugada do dia 23 de julho de 1993, o Brasil mais uma vez foi chão de uma chacina contra corpos negros. De acordo com inúmeras matérias jornalísticas³, nesta data, três policiais e um ex-policial militar, dirigindo dois veículos com placas cobertas, foram até a Praça Pio X, localizada na região central do Rio de Janeiro, próxima à Igreja da Candelária, e abriram fogo contra pessoas em situação de rua, em sua maioria jovens negros. Oito homicídios ocorreram nesta noite, seis nas proximidades da Praça Pio X e dois no Aterro do Flamengo. Após investigações, as vítimas foram identificadas como: Paulo Roberto de Oliveira, 11 anos; Anderson de Oliveira Pereira, 13 anos; Marcelo Cândido de Jesus, 14 anos; Valdevino Miguel de Almeida, 14 anos; "Gambazinho", 17 anos; Leandro Santos da Conceição, 17 anos; Paulo José da Silva, 18 anos; Marcos Antônio Alves da Silva, 19 anos. Diante da brutalidade do ocorrido, esses

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 20 a 22 de maio de 2025.

² Mestranda no Programa de Pós Graduação em Comunicação e Poder; E-mail: bbeatrizppassos@gmail.com

³ Matéria publicada pelo Portal G1 em 23/07/2023 em alusão aos 30 anos da chacina <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/07/23/chacina-da-candelaria-30-anos-menores-ainda-estao-vulneraveis-no-brasil-segundo-pessoas-proximas-das-vitimas.ghtml>

crimes foram inscritos na história brasileira como a Chacina da Candelária. No entanto, décadas depois, mesmo com o episódio marcado no imaginário brasileiro nos anos 1990, todas as pessoas aniquiladas tiveram sua existência reduzida à tragédia. Com suas vidas marginalizadas e vulneráveis, as vítimas não foram o centro da discussão do debate sobre a violência iminente no Rio de Janeiro, à época. O que espantou a população, alheia as mazelas vividas por corpos pobres e negros, foi o impacto da brutalidade, mas não em medida de interesse sobre as histórias das vítimas. Pelo contrário, havia a preocupação com o ambiente público, muito frequentado por turistas e visitantes da igreja, despertando para a tendência da higienização social, conforme rememora Gumucio e Schmidt (2018).

Diante dessa realidade, ainda é difícil encontrar registros dos rostos, nomes e informações mais específicas sobre as pessoas que morreram, facilitando assim a construção das histórias desses sujeitos a partir da violência, com suas existências possíveis somente por meio dos seus desaparecimentos - da extinção - ao molde do que aponta Mbembe (2016) ao defender que a presença dos sujeitos negros, por vezes está condicionada ao espetáculo da dor real, em um jogo psíquico de representação sádica, como se para contar a história de um negro, fosse preciso antes de tudo contextualizá-lo em um ambiente hostil de violência (MBEMBE, 2016).

Entretanto, em uma tentativa de analisar como é possível reivindicar a existência e memórias negras por meio da mídia, o presente trabalho analisa a minissérie *Os Quatro da Candelária*, produzida pela Netflix em parceria com a Jabuti Filmes, dirigida por Luis Lomenha. A produção estreou no dia 30 de outubro de 2024 e está disponível no streaming até a publicação do trabalho. De forma fictícia, a minissérie conta a história de quatro personagens que viviam nas redondezas da Igreja da Candelária na época da chacina e tiveram suas vidas marcadas pelo episódio. Os personagens principais são apresentados ao telespectador como Jesus (interpretado por Andrei Marques); Sete (Patrick Congo); Pipoca (Wendy Queiroz); e Douglas (Samuel Silva). A minissérie possui quatro episódios e em cada um deles a fatídica noite se repete, com o diferencial de que o público tem a chance de acompanhar as 36 horas de vida, que antecederam a chacina, de cada personagem, assim como também pode conhecer parte da história e anseios de cada um, por meio de memórias, sonhos e dinâmicas utilizadas por eles para sobreviver.

Um ponto interessante é que nenhum personagem faz referência direta a uma vítima real do crime. Ainda na trama, é inferior o número de histórias ressaltadas em relação ao total

de mortes registradas na chacina. Ou seja, a obra indica que não pretende assumir o papel de recontar os fatos que montaram a cena do crime real, mas em paralelo sinaliza reinventar contextos para aqueles corpos sem rostos, mas com o sofrimento e a morte propagados na história brasileira.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E ANÁLISE

Para o entendimento da discussão, antes é preciso localizar qual a compreensão de racismo. Por isso, a pesquisa se orienta por meios das contribuições da pensadora negra Audre Lorde, que classifica o termo como “a crença na superioridade inerente de uma raça sobre a outra e, assim, em seu direito de dominar (LORDE, 1984, p. 07)”. Por sua vez, raça é entendida a partir do que pontua Hall (2003), como “uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja, o racismo (HALL, 2003, p. 69)”.

Ao refletir sobre corporeidade negra e espaços de significação, a pesquisadora Joyce Gonçalves da Silva (2014), diz que

A corporeidade é constituída a partir de nossa relação com o mundo. Se o mundo onde vivemos se constitui de uma sociedade que foi colonizada, onde os conhecimentos reverenciam uma parcela da população e invisibilizam outra, acreditamos que a corporeidade dos invisibilizados esteja formada de maneira a manter-se invisível. Porém, pela ação da resistência cultural, temos um novo panorama para a corporeidade negra. O mesmo corpo que é marginalizado, subjugado como incapaz de alguns afazeres intelectuais, tem hoje o seu retrato modificado pela ação das linguagens corporais negras incorporadas à cultura vigente (Silva, 2014).

Tal raciocínio ganha ainda mais sentido quando relacionado com o minissérie Os Quatro da Candelária, considerando que o diretor é um homem negro e que afirmou em entrevistas aos jornais que tinha o objetivo político de devolver os sonhos e a dignidade a essas crianças - bem como retrata em trecho de entrevista cedida ao site Veja⁴: “Acho que a melhor forma de representá-los, humanizá-los e devolver a eles a infância que foi roubada, era trabalhar esse imaginário infantil, o sonho, o senso de comunidade e família que eles criaram naquele espaço hostil a eles (Lomenha, 2024)”.

Provocado pelo o que o diretor anunciou como objetivo ao desenvolver a produção para a Netflix, o presente trabalho investiga com a lupa metodológica da análise de conteúdo

⁴ Diretor de ‘Os Quatro da Candelária’ explica elenco desconhecido:

<https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/diretor-de-os-quatro-da-candelaria-explica-elenco-desconhecido/>.

Bardin (1977), como a minissérie contou essas histórias. Como ponto de partida, entende-se que a análise de conteúdo é uma disciplina-metodológica que toma como ferramenta o texto de comunicação social, ao considerar a definição da autora Laurence Bardin (1977), que anuncia tal método como “uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação (Bardin, 1977, p. 20)”. Guiada pelos métodos da análise de conteúdo, a pesquisa também condensa o esforço de tecer a análise do produto considerando seu contexto social e político. Buscando uma visão mais completa sobre o conteúdo, atentando-se ao simbolismo de sentidos que permitem existência e escolhas narrativas da produção audiovisual.

O conceito de memória, por sua vez, é acionado a partir das contribuições de Petrônio Domingues (2018) que ressalta as memórias como “arenas de disputas e embates de projetos de nação” (Domingues, 2018, p.7). Sendo assim, é possível avaliar seus usos políticos e suas implicações sociais para com uma população sistematicamente apagada.

Com os argumentos postos, ao debruçar-se nos quatro episódios de aproximadamente 50 minutos, há a possibilidade de relembrar, ainda que somente de forma supositiva, os contextos do episódio trágico na vida dos oito jovens assassinados. Conforme a série avança, o telespectador descobre como os personagens foram direcionados a se abrigarem naquele local e já que cada episódio leva o nome de um deles, por quase uma hora são exibidos os rostos e características de todos, e o espectador passa a conhecer os seus afetos, rir suas anedotas, o que o permite ser afetado pela trajetória de vida de uma garota que sonha em aparecer na televisão, do jovem recém chegado à maioridade e suas ambições, do ainda menor de idade que toma como sua responsabilidade enterrar o pai, como também chorar pelas consequências emocionais que um abandono causa em um menino negro.

Neste movimento, no seu desfecho, a minissérie escolhe não matar todos os personagens, dois deles escapam dos tiros e conseguem fugir - fator que aponta para uma recuperação de memória dos corpos que sobreviveram a chacina e de alguma forma também carregavam essa história em si. Ainda para além do fato trágico, o local também é apresentado como um espaço de sociabilidade, a minissérie mostra como eles se organizavam, tinham atritos com autoridades, cometiam contravenções e queriam ter destinos diferentes dos quais tiveram. A exibição dos uso de drogas, roubo e prostituição, práticas normalizadas no contexto violento, também sinaliza que a recuperação da memória não trata-se de uma manipulação do real, ou evidenciamento das boas práticas, mas é justamente

o reconhecimento do que ocorreu, para que se possa idealizar e forjar o novo, ciente do que não se deve repetir.

Portanto, baseada na breve análise, não é incoerente afirmar que os episódios ficcionaram o cotidiano vivenciado pelos jovens negros de outrora, mas inseriram uma novidade narrativa de construção de suas subjetividades. É como se ao conhecer esses sujeitos, também fosse admissível sentir o pesar pelas tantas possibilidades de vidas interrompidas.

CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

A partir dos esforços investigativos propostos e realizados neste trabalho, torna-se apropriado considerar que a minissérie *Os Quatro da Candelária* pode ser reconhecida como uma estratégia comunicacional de construção da memória de corpos negros. Com os elementos narrativos do audiovisual, foi permitido, em alguns casos pela primeira vez, que se chorasse as mortes das vítimas reais desse crime, não porque elas viveram exatamente a vida dos personagens apresentados, mas porque elas tinham nomes, rostos, corpos, afetos, raivas e esperança, assim como as crianças negras presentes nas telas.

O racismo contra pretos que envenena a sociedade, matando os negros e adoecendo os brancos, não permitiu que os corpos aniquilados e os sobreviventes tivessem suas experiências de vida reconhecidas para além da tragédia. Porém, por meio da minissérie, é apresentada uma outra maneira de lembrar desses jovens, que foram sim vítimas de um projeto de extermínio, mas antes disso resistiram na história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo* Lisboa: Edições 70, 1977.

DOMINGUES, Petrônio *Memória e usos políticos do passado: 130 anos da abolição e pós-abolição* Revista Tempo e Argumento, vol. 10, núm. 25, 2018, Septiembre-Diciembre, pp. 4-8 Universidade do Estado de Santa Catarina Florianópolis, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3381/338159308002/338159308002.pdf>.

HALL, Stuart. **Da diáspora. Identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

GUMUCIO, G., & SCHMIDT, C. (2018). Descaso e deterioração do lugar de memória no caso da chacina da Candelária no Rio de Janeiro. *Revista Extraprensa*, 11(esp), 64-79. Disponível: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2018.145213>.

LOMENHA, Luis. Diretor de 'Os Quatro da Candelária' explica elenco desconhecido. Entrevista concedida a Giovanna Fraguito. *Veja*, 3 de novembro de 2024. Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/diretor-de-os-quatro-da-candelaria-explica-elenco-desconhecido/>.

MBEMBE, Achille. NECROPOLÍTICA: biopoder soberania estado de exceção política da morte. Arte & Ensaios, Revista do ppgav/eba/ufrj, n. 32, dezembro 2016. Disponível em: <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>.

LORDE, Audre. La hermana, la extranjera. LIFS: Lesbianas Independientes Feministas Socialistas, 1984. Disponível em: <http://www.lifsperu.org/files/pdf/cendoc/lecturas%20lesbicas/Audre%20Lorde-La%20Hermana%20la%20Extranjera.pdf>.

SILVA, Joyce Gonçalves da. Corporeidade E Identidade, O Corpo Negro Como Espaço De Significação. Salvador BA: UCSal, 8 a 10 de Outubro de 2014, ISSN 2316-266X, n.3, v. 17, p.263-275. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/322531117_CORPOREIDADE_E_IDENTIDADE_O_CORPO_NEGRO_COMO_ESPACO_DE_SIGNIFICACAO